



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS		A TARDE	12 OUT. 1979
COMÉRCIO DO PORTO			

Desenfados líricos de uma inimiga da cultura

por Natália Correia

Quem ouvir a Engenheira Pintasilgo desabotoar na O.N.U. a alma lírica para soltar, em rima, as avezinhas que nela pipilam, dirá: Ora aqui temos um espírito excelentemente devotada à causa da literatura. Por outro lado, a reforçar esta confiança nos dotes pró-culturais da aliterada senhora, sobre nós chovem as pétalas do seu discurso engrinaldado de coloridas flores de retórica. Um jardim. Um vergel de especiosa vegetação verbal. Denso, quicá. Mas aquilo é de altíssima, suspensa jardinagem intelectual. Pelo que, ao ouvi-la no diríamos na Babilónia de uma luxuriante confusão mental e ela, claro, Semiramis a preparar-se para partir em pomba quando a sua napoleónica marcha dos cem dias terminar.

Teríamos, realmente, todas as razões para louvar em Pintasilgo a padroeira de nova Renascença a iluminar-nos as letras e as artes se não fossem certos deslizes que nos dizem estar a mesma senhora desinteressada de dar à cultura outra coisa que não seja o seu gesto histriónico de declamadora. Teríamos, sim, todos os motivos para acreditar que a engenheira não delira quando afirma que Pintasilgo diz e Papa repete, se certas avarias no seu espírito dedicado à cultura não nos demonstrassem o seu grosseiro desapeço pela mesma.

Destes contravapores que, no ânimo de Pintasilgo contrariam o seu duendezinho literário, ocorre-nos naturalmente o seu afã, quando embaixadora na U.N.E.S.C.O. para bloquear os esforços do então ministro dos Negócios Estrangeiros Sá Machado no sentido de ser ali adoptada a língua portuguesa. Ao encontro do que já se suspeitava, um dos argumentos alegados para não dar curso a essa iniciativa — custos incomportáveis — cai agora pela base. É o caso recente da aprovação do português pela O.M.P.I. como língua de trabalho, consoante um requerimento apresentado por António Maria Pereira há um ano. Tendo a Assem-

bleia Geral dado luz verde para que sejam despendidos, nessa iniciativa, 90 000 francos suíços, assim se esboroa a tese com que António Reis veio pleitear por Pintasilgo, segundo a qual a adopção do português na U.N.E.S.C.O. era impossível devido a custos que não podíamos suportar. Prevalece, portanto, pura e simplesmente, a aberrante sabotagem de Pintasilgo à dignificação da nossa língua nos meios internacionais.

Mas não é menos grave o que se passa no âmbito da circulação de ideias e livros sob a asa do Governo de tipo do qual Pintasilgo lança seus trinos poéticos ao Mundo. O «Diário da República», n.º 213, II série, de 14 de Setembro, dá-nos a conhecer um despacho do Ministério das Finanças que sujeita a registo prévio no Banco de Portugal, os contratos de edição cujos encargos sobre o exterior, no seu conjunto, ultrapassem 6% do valor efectivo ou estimado das vendas. Mas, não bastará este condicionamento de os editores portugueses terem de sujeitar a sua decisão ao registo prévio no Banco de Portugal, verifica-se ainda que a acção controladora pode ir até à negação do registo erigindo-se uma barreira para a ligação cultural com o estrangeiro. Deste modo, sobre os contratos de edição, pesa um novo fardo no qual acresce a violação do princípio de Livre Circulação de Ideias e Livros, reconhecido e aceite por Portugal em várias instâncias internacionais. Mas muitas outras parcelas de asfixia da produção literária e sua circulação, perfazem um somatório que não nos deixa dúvidas sobre os designios anticulturais da política governamental. O aumento das tarifas postais (para revistas) e das tarifas da C.P. e B.N.; a brusca interrupção das «recovagens» na C.P. depois das 18 horas, prevalecendo só a tarifa especial; novo aumento do preço do papel, este em cerca de 18%; o contrato colectivo de trabalho dos Editores e Livreiros que representa 21% do aumento salarial; aumento



dos combustíveis em 30% e imposto de gasóleo de 150%; a inexistência de qualquer política de apoio ao estímulo da ligação cultural, mediada pela difusão do livro, com os países de expressão portuguesa que sob o ponto de vista educacional e didático, estão a ser conquistados pelo Brasil.

Para já, os efeitos desta carga de desmotivação da actividade editorial fazem-se sentir na redução do volume de tiragens que de 4000 e 3000 passam para 2000 e 1000. Porque, como se não fossem suficientes os encargos que sobrecarregam a edição, sobre esta pesa ainda a adversidade de um factor tremendamente negativo. É precisamente na zona da informação cultural, na qual se verifica

esse impressionante decréscimo de tiragens, que nada se faz para incentivar a leitura. Bem pelo contrário. Ao acelerar-se um clima de instabilidade em que o futuro apresenta cores sombrias, desenvolve-se uma mentalidade adversa a tudo o que faça pensar. Provoca-se, assim, o gosto por leituras ligeiras, mesmo estupificantes que não acordem as consciências do torpor em que se refugiam do medo das realidades. E, logicamente, é neste nível de leituras que o consumo do livro permite a manutenção das grandes tiragens.

Assim vai o Portugal que a engenheira Pintasilgo, com uma imodéstia nacional só comparável à sua pessoalíssima vaidade, apresentou na O.N.U. como um relógio despertador da adormecida consciência mundial. Assim vai a cultura para a qual Pintasilgo literalmente se marimba, desde que ela não seja um palco onde, entre o toque a finado pelas letras nacionais, faça esvoaçar os seus véus declamatórios de Berta Singerman da política.